

Revista Appai

EDUCAR^{DIGITAL}

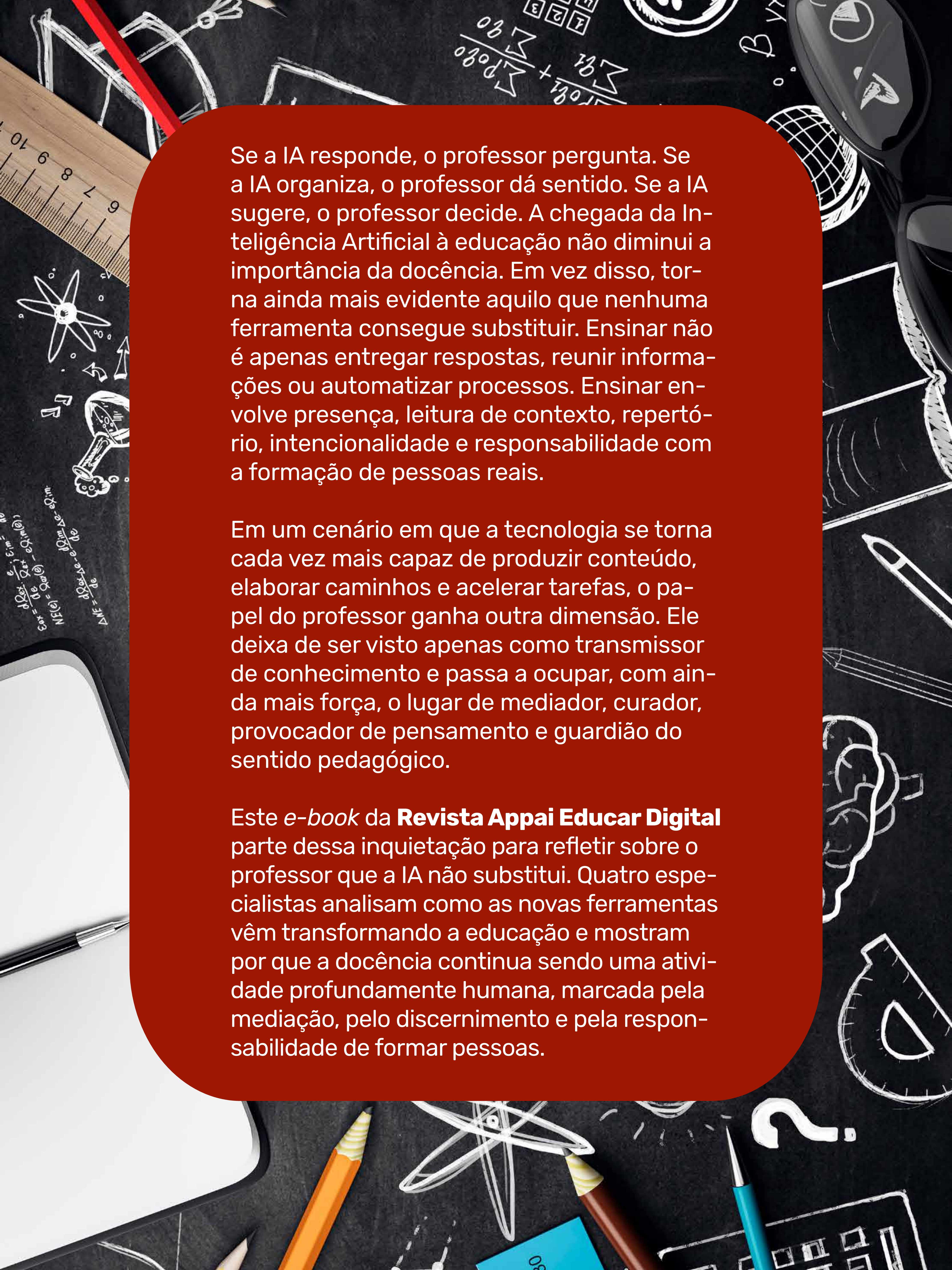
Informação ao Profissional de Educação

E-BOOK EXCLUSIVO

O professor que a IA não substitui



O valor da docência em um tempo de respostas automatizadas



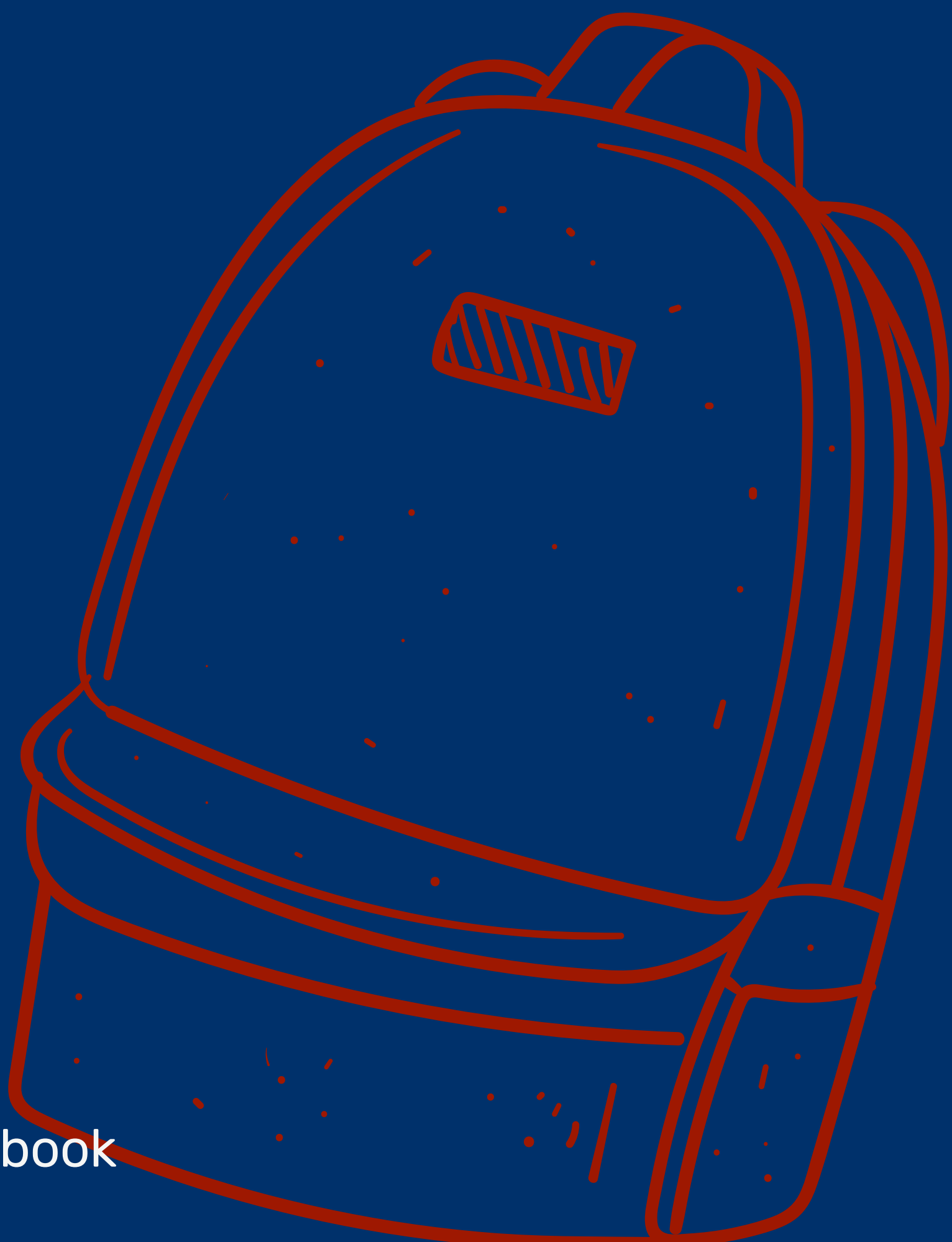
Se a IA responde, o professor pergunta. Se a IA organiza, o professor dá sentido. Se a IA sugere, o professor decide. A chegada da Inteligência Artificial à educação não diminui a importância da docência. Em vez disso, torna ainda mais evidente aquilo que nenhuma ferramenta consegue substituir. Ensinar não é apenas entregar respostas, reunir informações ou automatizar processos. Ensinar envolve presença, leitura de contexto, repertório, intencionalidade e responsabilidade com a formação de pessoas reais.

Em um cenário em que a tecnologia se torna cada vez mais capaz de produzir conteúdo, elaborar caminhos e acelerar tarefas, o papel do professor ganha outra dimensão. Ele deixa de ser visto apenas como transmissor de conhecimento e passa a ocupar, com ainda mais força, o lugar de mediador, curador, provocador de pensamento e guardião do sentido pedagógico.

Este *e-book* da **Revista Appai Educar Digital** parte dessa inquietação para refletir sobre o professor que a IA não substitui. Quatro especialistas analisam como as novas ferramentas vêm transformando a educação e mostram por que a docência continua sendo uma atividade profundamente humana, marcada pela mediação, pelo discernimento e pela responsabilidade de formar pessoas.

Capítulo 1

A IA chegou. E agora?





Durante décadas, ensinar esteve diretamente associado à transmissão do conhecimento. O professor era visto como a principal fonte de informação dentro da sala de aula, responsável por apresentar conteúdos, esclarecer dúvidas e conduzir o processo de aprendizagem. Mas, em poucos anos, esse cenário começou a mudar de forma acelerada. A popularização da Inteligência Artificial colocou nas mãos de estudantes e educadores ferramentas capazes de produzir textos, elaborar planos de aula, responder perguntas, traduzir conteúdos, criar imagens e organizar informações em questão de segundos.

Diante dessa realidade, uma pergunta passou a inquietar professores em diferentes partes do mundo. Se a tecnologia consegue fazer tantas coisas, qual será o lugar do educador? Que mudanças ela tem provocado na prática docente e por que esse avanço não deve ser visto apenas como uma ameaça à profissão?

Embora as novas ferramentas estejam transformando a rotina escolar, especialistas ouvidos pela Revista Appai Educar Digital são unânimes ao afirmar que a IA não diminui a importância da docência. Pelo contrário. Ao automatizar tarefas repetitivas, ela evidencia que ensinar sempre foi muito mais do que transmitir informações. A essência da profissão permanece na capacidade de interpretar contextos, construir vínculos, tomar decisões pedagógicas e formar pessoas.

Maria Clara Rapozo, coordenadora-geral da Educação Infantil, dos anos iniciais e finais do Colégio e Curso Pensi, observa que a Inteligência Artificial já vem transformando diferentes etapas do trabalho docente, apoiando desde o planejamento das aulas até a elaboração de atividades, avaliações e análises da aprendizagem. “Com isso, algumas tarefas operacionais podem se tornar mais ágeis, permitindo que o professor dedique mais tempo ao acompanhamento dos alunos, à reflexão da sua prática docente e à construção de experiências de aprendizagem diversas”. Ainda segundo ela, esse avanço não deve ser visto como uma ameaça porque a tecnologia não substitui a dimensão humana da educação. “A IA pode produzir conteúdo, mas não conhece os alunos, não compreende o contexto de uma turma e não assume a responsabilidade pelas decisões dentro da sala de aula”, alerta.

“A IA amplia possibilidades, mas não substitui o julgamento pedagógico, a sensibilidade e a capacidade de compreender cada contexto de aprendizagem.”

Na mesma direção, Luiza Machado, coordenadora de Inovações Pedagógicas da Elite Rede de Ensino, afirma que a principal mudança provocada pela IA não está na substituição do professor, mas na reorganização de seu trabalho. Quando tarefas operacionais deixam de consumir tantas horas da rotina escolar, abre-se espaço para aquilo que caracteriza verdadeiramente a docência, observar os estudantes, compreender seus percursos de aprendizagem e planejar intervenções pedagógicas qualificadas.

Luiza recorre ao sociólogo Philippe Perrenoud para lembrar que ensinar significa tomar decisões em contextos complexos, uma competência profundamente humana. “A IA amplia possibilidades, mas não substitui o julgamento pedagógico, a sensibilidade e a capacidade de compreender cada contexto de aprendizagem. Educação tem a ver diretamente com conexão humana e com o desenvolvimento de habilidades, mais do que o conteúdo. Esses são pilares ligados à figura humana do professor e a IA não substitui”, destaca.

Muito além das respostas

Diante de ferramentas capazes de produzir textos, responder perguntas e organizar informações em poucos segundos, uma pergunta permeia o nosso imaginário. O que muda no papel tradicional do professor?

Na opinião de Luiza Machado, o professor deixa de ser visto como a principal fonte de informação para assumir, ainda mais, o papel de mediador da aprendizagem; ou um criador de experiências de aprendizado significativas. Para ela, seu trabalho passa por ensinar os estudantes a analisar criticamente informações, fazer boas perguntas, validar fontes e transformar conhecimento em compreensão.

O papel tradicional do professor já vinha se modificando há bastante tempo, adverte Maria Clara. De acordo com a coordenadora, a literatura educacional vem, há décadas, questionando a ideia do professor como simples transmissor de conteúdos e defendendo uma atuação mais voltada à mediação, à participação ativa dos alunos, à investigação e à construção do conhecimento.

“A chegada da Inteligência Artificial torna essa mudança ainda mais evidente e até mesmo necessária. Em um contexto no qual as respostas estão cada vez mais acessíveis, o professor passa a ter um papel ainda mais importante na criação de situações que façam o aluno pensar, formular hipóteses, argumentar, questionar, comparar informações e construir suas próprias conclusões”, avalia.

O equilíbrio necessário

Sabemos que os riscos fazem parte da evolução humana, em todas as áreas do conhecimento. Sendo assim, torna-se muito presente a ideia de a sociedade se encantar com a tecnologia e subestimar a importância da mediação humana na aprendizagem? E como encontrar esse equilíbrio?

Essa possibilidade existe, afirma Maria Clara, principalmente quando se observa a educação apenas de fora e se acredita que o acesso rápido às informações pode substituir o processo de aprendizagem. No entanto, a coordenadora enfatiza que quem está em sala de aula percebe com clareza que nada substitui a mediação humana.

“Aprender não é apenas receber uma resposta. O equilíbrio está exatamente aí, em compreender que aprender não significa apenas acessar informações ou encontrar respostas corretas. A aprendizagem acontece quando o aluno se envolve, questiona, testa possibilidades, erra, recebe apoio e consegue atribuir sentido ao que está conhecendo. Ensinar é acompanhar esse percurso, criar condições para que ele aconteça e realizar intervenções que somente a mediação humana permite”, declara.

Compartilhando a mesma visão, Luiza Machado acrescenta que esse risco existe sem-

pre que confundimos acesso à informação com aprendizagem. Em sua reflexão, aprender não significa apenas obter respostas corretas, mas atribuir significado ao conhecimento, desenvolver autonomia e construir repertório cultural.

“Vygotsky, por exemplo, demonstrou em seus estudos sociointeracionistas que o desenvolvimento ocorre na interação social e na mediação realizada por alguém mais experiente. A IA pode ampliar o acesso ao conhecimento, mas não substitui a construção coletiva, o diálogo, o *feedback* e as relações humanas que sustentam o desenvolvimento cognitivo e socioemocional. O equilíbrio está em compreender a tecnologia como recurso, e não como finalidade, sem abrir mão da mediação pedagógica e das relações que sustentam o processo educativo”, esclarece.



Capítulo 2

O que torna um professor insubstituível?



Diante da crescente presença de ferramentas capazes de gerar conteúdos e oferecer respostas instantâneas, as especialistas ouvidas concordam em um ponto: a tecnologia pode apoiar o processo de ensino, mas não substitui a atuação humana do professor. Aspectos como a mediação pedagógica, o olhar individualizado sobre os estudantes e a capacidade de construir vínculos continuam sendo diferenciais indispensáveis da docência.

Para a pedagoga Juliana Santos, especialista em uso consciente de telas digitais, a principal contribuição do professor está justamente na mediação da aprendizagem. Segundo ela, embora a inteligência artificial seja capaz de produzir conteúdos em poucos segundos, cabe ao educador interpretar contextos, compreender as necessidades dos alunos e definir as intervenções mais adequadas para cada realidade. “A inteligência artificial pode produzir textos, exercícios, planos de aula e explicações num tempo reduzido. No entanto, ela não conhece verdadeiramente cada estudante, sua história, suas dificuldades, seus interesses e o contexto social em que está inserido”, afirma.

Juliana também chama atenção para outro aspecto que considera essencial, o julgamento profissional. Na sua avaliação, conteúdos produzidos por inteligência artificial podem apresentar imprecisões, simplificações ou vieses, exigindo a análise crítica do educador. “O professor precisa avaliar a qualidade do conteúdo, confrontá-lo com fontes confiáveis e decidir se ele contribui, de fato, para os objetivos de aprendizagem”, ressalta.



Na mesma direção, Maria Clara Rapozo destaca que a dimensão humana da educação permanece insubstituível. Para ela, é por meio da relação construída em sala de aula que o professor consegue acolher, inspirar e incentivar os estudantes, além de identificar necessidades que muitas vezes não são expressas verbalmente. “É pela relação com os alunos que ele acolhe, inspira, incentiva e percebe quando cada um precisa de apoio, de um novo desafio ou de alguém que confie em sua capacidade de aprender”, observa.

Já **Luiza Machado** enfatiza a capacidade do educador de compreender cada estudante em sua singularidade e transformar esse conhecimento em experiências de aprendizagem significativas. Segundo a especialista, ensinar vai muito além da transmissão de conteúdos, exigindo sensibilidade para identificar necessidades, adaptar estratégias e promover o desenvolvimento humano e a construção de habilidades essenciais para a vida.

O que a IA não vê

Mesmo com avanços cada vez mais sofisticados, o que um professor percebe em uma sala de aula que uma Inteligência Artificial ainda não consegue enxergar?

Na avaliação de Maria Clara Rapozo, essa diferença está relacionada à própria experiência da convivência. Enquanto a inteligência artificial estabelece relações a partir das informações que recebe, o professor constrói sua compreensão do estudante no cotidiano das interações. “O professor percebe gestos, mudanças de comportamento, relações, dificuldades e avanços”, afirma. Para ela, essa leitura nasce da vivência compartilhada e não apenas da análise de informações.

Luiza Machado chama atenção para aspectos da aprendizagem que muitas vezes passam despercebidos em indicadores objetivos. Segundo a especialista, o educador consegue identificar quando um estudante perde a confiança, quando uma turma responde melhor ao trabalho colaborativo ou quando a curiosidade surge de forma espontânea durante uma atividade. “Essa leitura humana do contexto real de uma sala de aula continua sendo uma das maiores riquezas da docência”, ressalta.

A discussão é ampliada por Juliana Santos, que direciona o olhar para outra dimensão do trabalho docente. Em sua análise, mais do que transmitir informações, cabe ao professor estimular o pensamento crítico e a capacidade de questionamento dos alunos.

Em um cenário marcado pela abundância de respostas prontas, ela considera essencial ensinar os estudantes a formular boas perguntas, verificar evidências, identificar erros e construir argumentos de forma autônoma. “Aprender a formular boa pergunta, verificar evidências, identificar erros, reconhecer diferentes perspectivas e argumentar com autonomia tornam-se ainda mais importantes”, observa.

A pedagoga também destaca que acolhimento, escuta, confiança, convivência e formação de valores permanecem como elementos centrais da educação. Sob essa perspectiva, a inteligência artificial pode ampliar possibilidades pedagógicas e apoiar o trabalho docente, mas não substitui o papel do educador como mediador da aprendizagem e formador de cidadãos. “As ferramentas podem oferecer respostas; o professor ajuda o estudante a compreender, questionar, relacionar, criar e transformar essas respostas em aprendizagem”, conclui.

Informação não basta

Se a inteligência artificial ampliou o acesso à informação, a educação continua exigindo algo que vai além da transmissão de conteúdo. A IA pode fornecer informações e até apoiar processos de aprendizagem. Mas ela consegue formar pessoas? Qual é a diferença entre informar e educar?

Pensar criticamente, conviver com diferentes perspectivas e agir de forma ética são capacidades que não se desenvolvem apenas pelo acesso a conteúdos. É nesse sentido que Luiza Machado diferencia informação e educação. Segundo a especialista, enquanto a IA se mostra eficiente para organizar e disponibilizar conhecimentos, a formação humana depende de experiências, interações e processos que transformam a maneira como o indivíduo compreende o mundo. “A informação é um recurso; já a educação é um processo de transformação”, define.

Essa ideia encontra eco na reflexão de Maria Clara Rapozo, que descreve a educação como uma construção compartilhada. Em sua visão, ensinar envolve escuta, diálogo, troca e conexão, elementos que modificam não apenas os estudantes, mas também os próprios educadores. “Informar é oferecer dados, conceitos, explicações e respostas. Educar é um processo muito mais amplo e acontece em uma via de mão dupla”, explica.

Juliana Santos chama atenção para a necessidade de formar sujeitos capazes de analisar criticamente as informações que

recebem. Em um contexto marcado pela abundância de respostas prontas, ela defende que aprender envolve questionar, investigar, comparar evidências e construir argumentos próprios. “A educação não acontece apenas quando o estudante recebe uma resposta correta, mas quando aprende a perguntar, investigar, comparar fontes, reconhecer erros, lidar com frustrações, argumentar, tomar decisões e compreender as consequências de suas escolhas”, ressalta.

Sob essa perspectiva, a tecnologia pode ampliar oportunidades de aprendizagem e apoiar o trabalho pedagógico, mas não substitui dimensões que permanecem essencialmente humanas, como a convivência, a formação de valores, a construção da autonomia e o desenvolvimento do senso crítico. Como sintetiza Juliana, “as ferramentas podem oferecer respostas; o professor ajuda o estudante a compreender, questionar, relacionar, criar e transformar essas respostas em aprendizagem”.

Capítulo 3

O professor do futuro já está em sala de aula





Se a inteligência artificial está redefinindo a forma como o conhecimento é produzido e compartilhado, também está acelerando a transformação do papel docente. Nesse cenário, as competências mais valorizadas deixam de estar concentradas apenas no domínio dos conteúdos e passam a incluir habilidades ligadas ao pensamento crítico, à mediação pedagógica e à formação humana.

Entre os desafios apontados para os próximos anos está a capacidade de selecionar informações confiáveis, interpretar dados e utilizar recursos digitais de forma intencional. Luiza Machado observa que competências como letramento digital, curadoria de conteúdos, criatividade, personalização da aprendizagem e formação ética para o uso responsável da tecnologia tendem a ganhar cada vez mais relevância na rotina escolar.

Essa tendência também aparece em estudos internacionais reunidos por André Codea. O especialista destaca que organizações como a OCDE, a Unesco e universidades de referência vêm apontando a necessidade de fortalecer competências relacionadas à análise crítica de dados, à alfabetização em inteligência artificial e ao desenvolvimento de experiências de aprendizagem centradas no ser humano. As pesquisas também reforçam a importância da colaboração e da liderança ética para orientar o uso responsável das tecnologias nos ambientes educacionais.

Nesse contexto, Codea avalia que o professor passa a assumir funções cada vez mais estratégicas, atuando como curador de conteúdos, designer de experiências de aprendizagem e mediador das interações entre estudantes e tecnologia.

Embora as mudanças tecnológicas avancem em ritmo acelerado, Maria Clara Rapozo chama atenção para um aspecto que permanece central na docência, a capacidade de construir relações significativas. Em sua avaliação, competências como escuta, comunicação, sensibilidade e criação de vínculos tornam-se ainda mais valio-

sas em um mundo marcado pela presença crescente das ferramentas digitais. Quanto mais a tecnologia se desenvolve, mais evidentes se tornam as habilidades genuinamente humanas.

As reflexões convergem para uma mesma conclusão, o professor do futuro não será definido pela disputa com a inteligência artificial, mas pela capacidade de utilizá-la com senso crítico, propósito pedagógico e responsabilidade. Mais do que acompanhar as transformações tecnológicas, caberá ao educador dar significado a elas dentro do processo de aprendizagem.



O professor no comando

Se a inteligência artificial amplia possibilidades e reduz o tempo dedicado a tarefas operacionais, o desafio dos educadores passa a ser incorporar essas ferramentas sem renunciar à aquilo que orienta o processo de ensino, que é a intencionalidade pedagógica?

A premissa é reforçada por Maria Clara Rapozo, que defende que o uso da tecnologia deve partir das metas de aprendizagem e não das ferramentas disponíveis. Em sua avaliação, antes de recorrer à IA, o educador precisa ter clareza sobre os conhecimentos e habilidades que pretende desenvolver.

A especialista ressalta ainda que todo material gerado por sistemas inteligentes deve ser revisado, adaptado e contextualizado. “A IA pode sugerir caminhos, mas a decisão final deve permanecer com o professor”, reforça.

Essa visão encontra respaldo nas reflexões apresentadas por André Codea, que destaca pesquisas desenvolvidas por instituições como o MIT Media Lab e o Stanford Human-Centered AI. Os estudos apontam o potencial da inteligência artificial para apoiar atividades como a criação de materiais didáticos, a análise de dados de aprendizagem e a elaboração de *feedbacks* mais ágeis. No entanto, Codea enfatiza que essas contribuições ganham valor quando funcionam como ponto de partida para a atuação docente. Em vez de substituir o trabalho pedagógico, a tecnologia fornece esboços, sugestões e diagnósticos que precisam ser analisados, refinados e contextualizados pelo educador.

A mesma lógica é apontada por Luiza Machado, para quem a inteligência artificial deve ocupar uma posição de apoio dentro do processo educativo. Segundo ela, embora a tecnologia amplie possibilidades e otimize etapas do planejamento, as decisões relacionadas aos objetivos, às estratégias e aos critérios de aprendizagem continuam sendo responsabilidade do professor.



O risco do despreparo

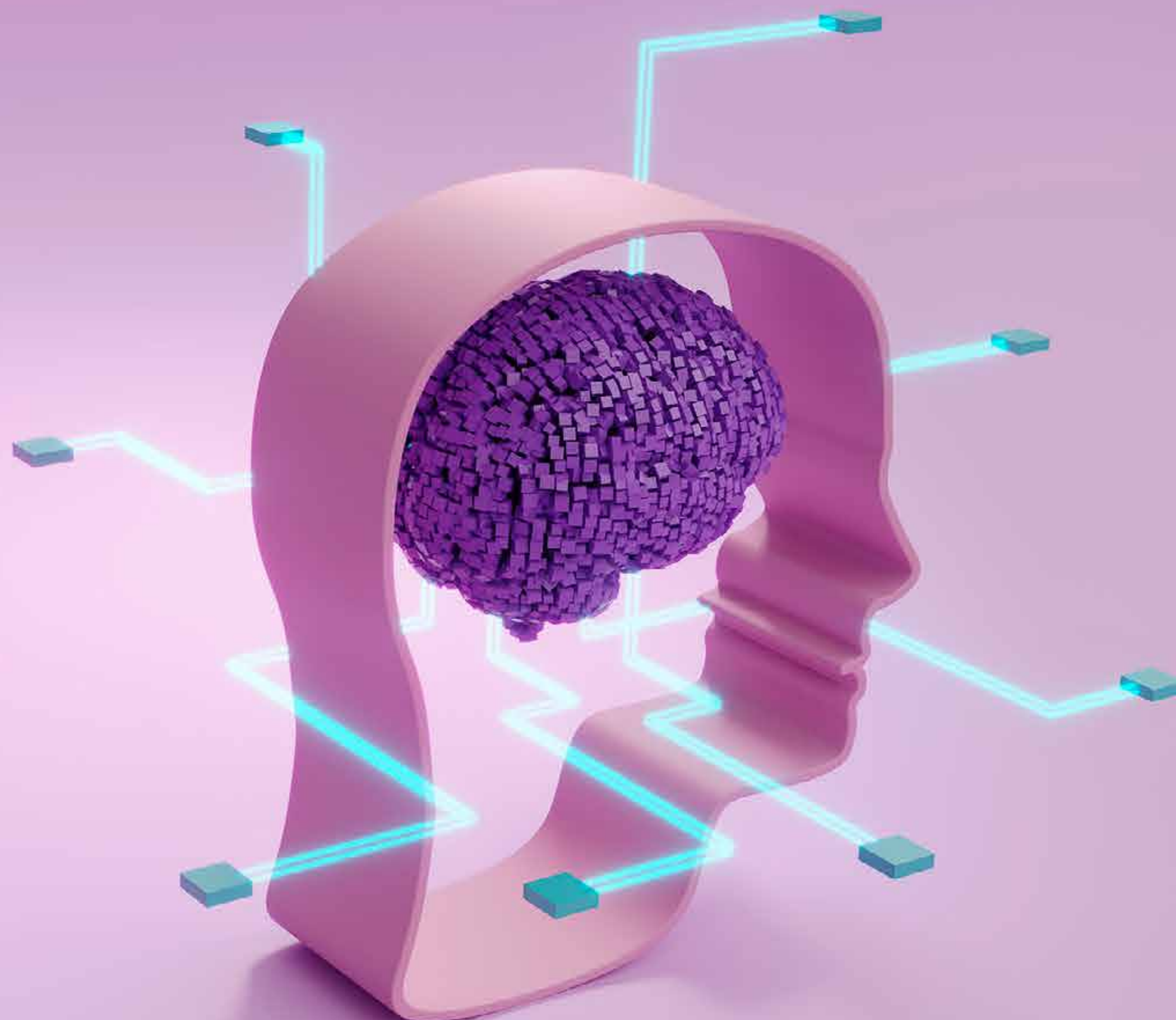
À medida que a inteligência artificial avança e se torna mais acessível, cresce também a preocupação com a capacidade de professores e estudantes utilizarem essas ferramentas de forma crítica, ética e consciente. O que deveria preocupar mais os educadores hoje, o avanço da Inteligência Artificial ou a falta de preparo para utilizá-la de forma crítica e consciente?

Essa preocupação é reforçada por André Codea, que chama atenção para a crescente necessidade de preparo dos educadores para lidar com a inteligência artificial. O professor cita estudos e relatórios de instituições como British Council, OCDE, Unesco e Harvard Graduate School of Education, que vêm destacando competências como alfabetização em IA, análise crítica de dados, liderança ética e uso responsável das tecnologias. Na sua avaliação, o desafio não está em frear o avanço dessas ferramentas, mas em desenvolver a capacidade de utilizá-las de forma consciente e alinhada aos objetivos educacionais.

A preocupação com a formação também é compartilhada por Luiza Machado. Para a Coordenadora, o problema não está na velocidade das inovações, mas no fato de elas chegarem às escolas sem que todos estejam preparados para utilizá-las adequadamente. Nesse contexto, ela defende o fortalecimento do letramento em inteligência artificial, envolvendo a compreensão de benefícios, limites, vieses e implicações éticas. Como exemplo, cita a experiência desenvolvida no Grupo Elite por meio do projeto *Dia Lab*, que busca ensinar estudantes a interagir com essas ferramentas de forma consciente e responsável.

A reflexão é reforçada por Maria Clara Rapozo, que situa a inteligência artificial dentro de um processo mais amplo de transformação social. Em vez de enxergar a tecnologia como uma ameaça, ela propõe que a escola assuma o papel de preparar alunos e educadores para lidar criticamente com as mudanças em curso. “A escola não pode se afastar das mudanças que acontecem na sociedade, mas também não deve incorporá-las sem reflexão”, pondera.

Em comum, as três análises apontam para a mesma direção. Mais do que acompanhar o avanço da inteligência artificial, o desafio educacional consiste em desenvolver competências que permitam utilizar a tecnologia de forma consciente, ética e alinhada aos objetivos da aprendizagem. Afinal, fica claro que não é a presença da IA que define seu impacto na educação, mas a maneira como ela é compreendida e mediada por quem a utiliza.





O futuro é humano

Se a IA responde, o professor pergunta. Se a IA organiza, o professor dá sentido. Se a IA sugere, o professor decide. Olhando para o futuro da educação, quais características tornarão os professores ainda mais necessários nos próximos anos?

Ao analisar as transformações provocadas pela inteligência artificial na educação, André Codea argumenta que características como empatia, inteligência emocional, julgamento ético, criatividade e capacidade de contextualização continuam sendo diferenciais humanos. O educador apoia essa leitura em estudos conduzidos por diversas instituições, que apontam a importância crescente de competências ligadas à construção de vínculos, à tomada de decisões éticas e à capacidade de atribuir significado às experiências de aprendizagem. Em sua avaliação, a tecnologia tende a assumir o papel de ferra-

menta, enquanto o educador permanece como o principal condutor da experiência educativa.

Sob outra perspectiva, a Coordenadora de Inovações Pedagógicas do Elite Rede de Ensino, Luiza Machado, observa que a relevância do professor se fortalece justamente em um contexto de abundância informacional. Segundo ela, quando as respostas estão disponíveis em poucos segundos, passam a ganhar valor competências como curiosidade, pensamento crítico, criatividade, ética, colaboração e capacidade de fazer escolhas responsáveis. Mais do que transmitir conteúdos, cabe ao educador ajudar os estudantes a compreender e interpretar o mundo em constante transformação. A reflexão é complementada pela coordenadora-geral

– El, Efai e Efaf (6º ao 8º) do Colégio e Curso Pensi, Maria Clara Rapozo, que destaca o papel do professor na promoção da autonomia e da aprendizagem significativa. Em sua visão, a docência continuará sendo indispensável por envolver escuta, reflexão, construção de vínculos e decisões que exigem sensibilidade diante das necessidades

dos alunos. A docente também chama atenção para a importância de orientar os estudantes em meio ao excesso de informações e ajudá-los a compreender que respostas rápidas nem sempre resultam em conhecimento profundo.



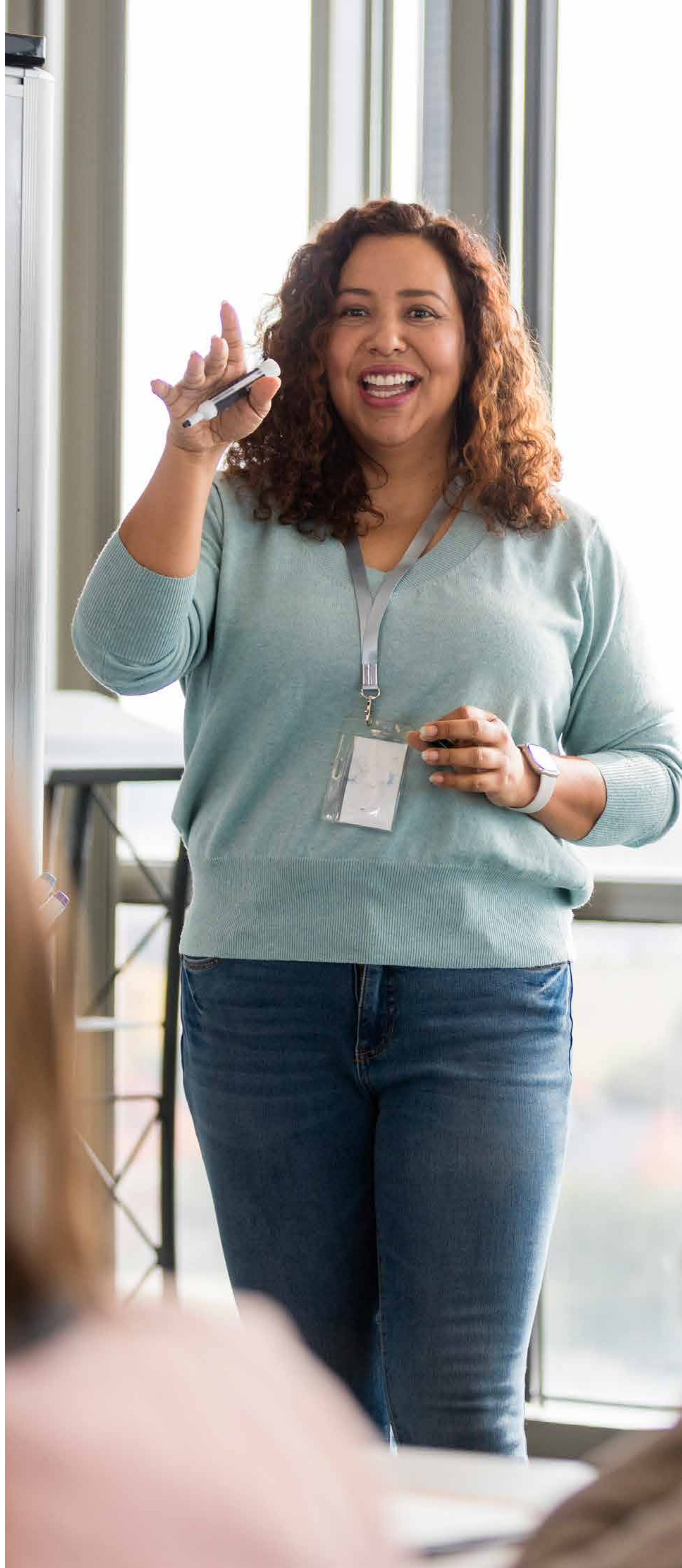
O essencial permanece

A história da educação é marcada pela chegada de novas tecnologias. O livro, o rádio, a televisão, o computador, a internet e, agora, a Inteligência Artificial transformaram práticas, ampliaram possibilidades e provocaram debates sobre o futuro da docência. Nenhuma dessas inovações, porém, alterou uma verdade fundamental: ensinar é uma atividade profundamente humana.

A Inteligência Artificial inaugura uma nova etapa dessa trajetória. Capaz de organizar informações, criar conteúdos e apoiar processos de aprendizagem, ela passa a integrar o cotidiano escolar como uma poderosa ferramenta de apoio. Seu valor, contudo, depende da forma como é utilizada.

Ao longo deste *e-book*, especialistas destacaram que o futuro da educação não será definido pela tecnologia, mas pelas escolhas que fazemos a partir dela. Em um mundo onde respostas estão disponíveis em segundos, ganham ainda mais importância competências como pensamento crítico, criatividade, ética, empatia, escuta e capacidade de construir relações significativas.

Nesse cenário, fica claro que o papel do professor não diminui. Ele se transforma. Mais do que transmitir informações, cabe ao educador contextualizar conhecimentos, estimular reflexões, orientar escolhas e ajudar os estudantes a compreenderem o mundo em que vivem. A IA pode apoiar esse percurso. Dar sentido a ele continua sendo uma tarefa humana.



Fontes:

André Codea é professor da rede municipal de educação do Rio de Janeiro, leciona no Ensino Superior na Universidade Cândido Mendes e é um entusiasta da IA na educação.

Luiza Machado é licenciada em Letras, com especialização em Gestão do Ensino Bilíngue e formação complementar em Psicopedagogia, Gestão de Projetos e Avaliação Educacional. Atua há mais de 8 anos na área da educação, com foco em desenvolvimento docente, inovação pedagógica e ensino aprendizagem. Atualmente, é coordenadora de inovações pedagógicas do Elite Rede de Ensino, onde lidera iniciativas voltadas à integração de tecnologia e aprendizagem, incluindo a implementação do currículo de Inteligência Artificial nas escolas.

Maria Clara Rapozo é professora de Biologia e coordenadora pedagógica da Educação Infantil, Ensino Fundamental Anos Iniciais e Anos Finais do Colégio Pensi. Formada em Ciências Biológicas – modalidade médica pela UFRJ e licenciada em Biologia, é pós-graduada em Neurociências, Educação e Desenvolvimento Infantil e possui MBA em Gestão Empresarial. Atua como professora de Ciências e DiaLab e tem experiência em formação docente e gestão escolar.

Juliana Santos é palestrante internacional, escritora, pedagoga, especialista em uso consciente de telas digitais, pós-graduanda em Dependências Digitais: Saúde Mental na Era Tecnológica e Saúde Mental do Educador e Prevenção do Burnout. www.julianasantoseduca.com.br e Instagram: @julianasantos.telas

Fotos via Getty Images.

Conselho Editorial

Julio Cesar da Costa
Ednaldo Carvalho

Jornalismo e Edição

Antônia Lucia Figueiredo
Registro: (M.T. RJ 22685JP)

Design e Direção de Arte

Yasmin Gundim

Revisão de Texto

Sandro Gomes

Colaboração de Textos e Pesquisas

Jéssica Almeida

Produção

Equipe de Comunicação Appai

Publicação

Revista Appai Educar Digital – Ano 2026
Edição nº 190

Envio de projetos

Professores, enviem seus projetos através do formulário on-line disponível na página da revista em nosso site appai.org.br

Endereço: Rua Senador Dantas, 117/229 – 2º andar
Centro – Rio de Janeiro/RJ. CEP: 20031-911